



O que realmente importa neste mundo? Reflexões antropológicas sobre a ecopentecostalidade assembleiana

What really matters in this world? Anthropological reflections on assemblian ecopentecostality

Alef Monteiro¹

Resumo: O artigo é um “ciborgue” de ensaio e nota de campo. O enfoque está na ecopentecostalidade da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Meu objetivo é descrever o discurso ecológico assembleiano e os efeitos desse discurso no comportamento dos fiéis. Os dados reunidos são oriundos de pesquisa bibliográfica e observação participante. Concluo que certas demandas causadas pela atual crise socioambiental levaram a Assembleia de Deus à elaboração de um discurso ecológico que reflete a cosmologia fundamentalista do grupo, porém, esse discurso ainda não foi capaz de modificar a experiência prática dos fiéis porque, além de recente, choca-se com elementos doutrinários e com o *habitus* religioso.

Palavras-chave: Meio ambiente. Ecopentecostalidade. Assembleia de Deus.

Abstract: The article is an “cyborg” of essay and field note. The focus is on the ecopentecostality of the Evangelical Church Assembly of God. My objective is to describe the ecological assembly speech and the effects of that discourse on the behavior of the faithful. The data collected comes from bibliographic research and participant observation. I conclude that certain demands caused by the current socio-environmental crisis led the Assembly of God to elaborate an ecological discourse that reflects the fundamentalist cosmology of the group, however, this discourse has not yet been able to modify the practical experience of the faithful because, in addition to being recent, it shocks with doctrinal elements and with the religious *habitus*.

Keywords: Environment. Ecopentecostality. Assembly of God.

1 Introdução

Desde o último quartel do século passado, o agravamento dos problemas socioambientais vem reunindo lideranças mundiais em conferências sobre o meio ambiente e o clima. Um dos marcos desses encontros aconteceu no ano de 1987, quando a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento da ONU publicou o relatório “Nosso Futuro Comum” (BRUNDTLAND, 1991)² que, além de

¹ Sociólogo e antropólogo. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFPA. Endereço eletrônico: alefmonteiro1@gmail.com

² Na época de elaboração do relatório, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento era presidida Gro Harlem Brundtland, por esse motivo, o relatório elaborado pela comissão também é conhecido como “Relatório Brundtland”.

apresentar um balanço da degradação ambiental provocada pelo atual modelo de desenvolvimento, apresentou também a noção de “desenvolvimento sustentável”.

De lá para cá, os índices de devastação e poluição divulgados no relatório só aumentaram. Esse acirramento fomentou a criação de mecanismos de deliberação e produção de informações como a Conferência das Partes (COP), no seio da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), que reúne anualmente os países Parte em conferências mundiais que examinam, discutem, orientam acerca de obrigações protocolares e, de modo mais impactante, produzem informações amplamente difundidas.

A produção anual de informações a respeito do clima, pela ONU, e as suas reuniões periódicas sobre o meio ambiente que reúnem líderes das maiores potências mundiais são acompanhadas de perto pela mídia. Essa atenção também recebeu propulsão de organizações não governamentais tais como o Greenpeace e World Wide Fund for Nature (WWF) que também divulgam dados ambientais e denunciam agressões aos diversos ecossistemas ao redor do mundo.

Entre as celebridades, o ativismo ambiental também tem encontrado guarida, algo que chama ainda mais atenção das mídias e também da juventude. Estrelas hollywoodianas como Leonardo DiCaprio e Mark Ruffalo são exemplos de ativismo sério através de campanhas ou doações em prol da preservação de espécies ameaçadas de extinção, e da conservação de florestas e territórios de povos e comunidades tradicionais. Nesse afã, a própria Gisele Bündchen, em 2009, foi designada Embaixadora da Boa Vontade do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Por se tratarem de um dos “temas do dia”, os problemas ambientais encontraram lugar amplo no cenário da discursividade social, situação que torna impossível não dar atenção ao tema: os jornais noticiam, partidos políticos fazem da defesa do meio ambiente sua bandeira de luta, as empresas se esforçam para parecer sustentáveis, mesmo que seja apenas através do marketing, e, nas salas de aula, movidos pelos currículos ou pelas exigências vestibulares, os alunos se debruçam sobre a discussão ambiental.

Nesse contexto, cercadas por todos os lados, e tendo seus membros bombardeados por informações e posicionamentos críticos e não críticos sobre os problemas socioambientais que se acirram, as igrejas pentecostais não tiveram saída: elas também foram obrigadas a falar sobre o “tema do dia” e tiveram que responder

da melhor forma possível às perguntas ecológicas de seus fiéis. Essa não foi e nem tem sido tarefa fácil, haja vista que a discussão ecológica sempre passou ao largo da pregação pentecostal que tem na experiência de salvação frente ao iminente arrebatamento e na experiência dos carismas do Espírito Santo o cerne de sua mensagem. A criação de um discurso ecológico entre os pentecostais é tão recente que ainda está em construção e os remendos para fechar as várias lacunas da prédica ecológica têm sido, por vezes, buscado até mesmo na teologia católica (ROSA, 2017).

Neste artigo me ocupo com os esforços da Assembleia de Deus, maior igreja pentecostal do Brasil, em particular, o segmento ligado à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), na lida das demandas desse contexto de crises socioambientais e ampla divulgação dos problemas ecológicos. Por esse motivo, volto-me para aquilo que André Rosa (2017) chamou de ecopentecostalidade, qual seja, todas as expressões do pentecostalismo que fazem alusão a uma ecologia fundamentada na experiência do Espírito Santo.

Considerando que as ações coletivas se fundamentam em crenças subjetivas (WEBER, 2000), e que essas crenças, apesar de influenciarem mais ou menos as condutas, diferenciam-se qualitativamente das condutas reais, a abordagem que faço da ecopentecostalidade se concentra, de um lado, no discurso ecológico do pentecostalismo, pois acredito que nele está melhor expressado as crenças institucionais, e, por outro, nas práticas concretas que evidenciam a eficácia (ou não) dos ensinamentos ecológicos da igreja. Nesta feita, meu objetivo é descrever o discurso ecológico assembleiano e os efeitos desse discurso no comportamento dos fiéis.

Para isso, realizei uma pesquisa bibliográfica cujo material é constituído principalmente pelos principais compêndios de teologia sistemática desse segmento da Assembleia de Deus, a saber, a Teologia Sistemática organizada por Stanley Horton (1996) e a organizada por Antônio Gilberto (2008). A primeira é a *magnum opus* da Assembleia de Deus estadunidense, e, a segunda, da Assembleia de Deus brasileira. Também examinei revistas da Escola Bíblica Dominical (EBD) – principal reunião de ensino na Assembleia de Deus – que discutem a crise ecológica. Essas revistas apresentam para os crentes os posicionamentos oficiais da igreja e aquilo que a doutrina pentecostal assembleiana compreende da situação ecológica atual.

Quanto à descrição da ecopentecostalidade no comportamento dos fiéis, utilizo os dados gerados em campo, através da observação participante que fiz em dois

momentos distintos. O primeiro corresponde aos meses de outubro de 2016 a fevereiro de 2017, por ocasião de um estudo que realizei em uma congregação da Assembleia de Deus na periferia de Castanhal, Região Metropolitana de Belém do Pará. E, o segundo, na pesquisa de mestrado que venho realizando desde o ano passado (2019) junto a uma congregação da Assembleia de Deus em uma comunidade quilombola na zona rural de Castanhal.

O trabalho com o material desses dois contextos sociais se revelou rico por permitir conhecer os efeitos do discurso ecológico da Assembleia de Deus em diferentes tipos de espaço geográfico (urbano e rural) e em grupos que, apesar de diferentes, por causa da situação econômica e etnicorracial próxima, têm em comum estarem do mesmo lado (desfavorecido) no jogo da distribuição dos efeitos socioambientais da exploração capitalista.

Como última consideração metodológica, esclareço que este texto é um “ciborgue”³ (HARAWAY, 2009) de ensaio e nota de campo⁴. Ele e não consiste em um estudo exaustivo sobre o tema, sendo apenas a reunião de algumas reflexões corroboradas por evidências. As afirmações que faço se baseiam em dois pilares: a pesquisa bibliográfica e minha experiência autobiográfica – observação participante (GEERTZ, 2009).

A apresentação dos resultados da pesquisa está disposta nas duas seções seguintes. Na primeira exponho a ecopentecostalidade assembleiana presente nas publicações e manuais teológico-educacionais. Nesta parte, minha preocupação está especialmente focada nos elementos internos do discurso e da mensagem pentecostal que teve que ser tencionada pelos teólogos assembleianos para acomodar (bem ou mal) as interpretações recentes da fé carismática a respeito das ações humanas no meio ambiente, *pari passu* aos acontecimentos que as Escrituras supostamente dizem que “em breve hão de acontecer”. Em seguida relato a recepção dos ensinamentos ecopentecostais pelos crentes e destaco o acatamento(?) daquilo que é ensinado pela igreja. Por fim, encerro com algumas considerações finais.

³ “Ciborgue” é uma metáfora criada por Donna Haraway (2009) para falar das hibridizações que a ciência precisa adotar para dar conta das instabilidades, efemeridades e ambivalências dos fenômenos sociais na contemporaneidade. Essa metáfora é uma possibilidade de ruptura com modelos fechados do fazer científico que muitas vezes não conseguem acompanhar a rapidez e as conexões rizomáticas da vida social.

⁴ “Notas de campo’ são relatórios que descrevem experiências e observações que o pesquisador teve ao participar de forma intensa e envolvida. [...] relatos descritivos de experiências e observações” (EMERSON, FRETZ e SHAW, 2013, p. 362).

2 A ecopentecostalidade na teologia assembleiana

Em nenhum dos principais compêndios de teologia sistemática usados pelas Assembleias de Deus no Brasil há uma doutrina⁵ que possa ser caracterizada como ecológica. Seja na obra de Horton (1996) ou na de Antônio Gilberto (2008), a doutrina da criação segue todos os paradigmas tradicionais. Ambas se fundamentam em uma perspectiva fundamentalista e consideram literalmente a narrativa da criação contida nos textos sagrados.

De acordo com a tradicional teologia pentecostal da criação, Deus criou tudo a partir do nada e a sua criação está dividida em duas grandes classes: seres espirituais e seres naturais. A criação espiritual é composta por anjos, demônios, e a parte espiritual dos seres humanos. Por sua vez, a criação natural é composta por todos os entes materiais que compõem o universo. Os seres humanos, feitos à imagem e semelhança de Deus, são a coroa da criação natural porque mesmo sendo, de certo modo, parte da natureza criada (matéria) eles se diferenciam dos demais seres naturais por possuírem um espírito imortal e também por partilharem com Deus alguns atributos divinos, tais como a racionalidade e a sensibilidade.

Distintos de toda a natureza criada, a superioridade dos seres humanos sobre o meio natural foi declarada pelo próprio Deus. Após ter criado macho e fêmea à sua imagem e semelhança, Jeová deu-lhes senhorio sobre o meio ambiente: “Multiplicai-vos e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra” (Gn 1.28).

Na teologia tradicional da criação, a natureza não tem importância em si mesma, Deus resolveu criá-la como manifestação da sua glória e a inseriu no plano de redenção sem o qual tudo o que foi criado fica destituído de sentido. Assinala Timothy Munyon (1996, p. 223) que “a atividade salvífica de Deus – e a resposta humana a ela – parece ser um tema que percorre a totalidade das Escrituras. Devemos, portanto, manter em vista esse tema ao abordarmos os ensinamentos da Bíblia a respeito da criação do universo”. Segundo o teólogo assembleiano, esse propósito salvífico de Deus na criação do universo é revelado nas palavras de Paulo aos Efésios (1.9-10): “descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na

⁵ Os fundamentalistas consideram que “uma doutrina é o que a Bíblia como um todo nos ensina hoje acerca de algum tópico específico” (GRUDEM, 1999, p. 4).

dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”.

Há certa divergência entre teólogos assembleianos estadunidenses e brasileiros quanto à conciliação entre as narrativas bíblicas da criação e os dados da ciência moderna. Para estadunidenses, a tentativa de harmonizar dados científicos ao que dizem as Escrituras é válido até certo ponto, desde que se saiba que “a necessária regulamentação dos pensamentos deve ocorrer através das Sagrada Escrituras” (MUNYON, 1996, p. 241). Desse modo, os assembleianos podem acreditar que a natureza que vemos é exatamente igual àquela do momento da criação; que a criação é progressiva; ou que simplesmente há lacunas explicativas sobre a criação cujo saber não compete aos seres humanos.

Em contrapartida, para os assembleianos brasileiros, a leitura literal da Bíblia abre possibilidade apenas para a compreensão fixista da natureza: “o contexto bíblico mostra que o Universo apareceu perfeito, o que chamamos de ‘Terra original’. [...] O homem e os animais surgiram na Terra da mesma forma como eles são hoje” (SOARES, 2008, p. 86; 88), aquilo que a ciência diz sobre a evolução dos seres vivos deve ser descartado, pois seria mero engano daqueles que ouvem apenas o que dizem os dados gerados pela razão humana condicionada pelo pecado.

Já quanto à criação dos seres humanos, assembleianos estadunidenses e brasileiros concordam: “Não há lugar aqui para o desenvolvimento paulatino de formas mais singelas de vida em outras mais complexas, tendo o ser humano como ponto culminante” (MUNYON, 1996, p. 244); “Não há, nas Escrituras Sagradas, nada que apoie o darwinismo e as suas várias interpretações inverídicas” (SOARES, 2008, p. 88). Creem os pentecostais firmemente que, a despeito de quaisquer evidências científicas, “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (Gn 2.7).

Os pentecostais que creem nessa doutrina da criação se diferenciam dos outros grupos fundamentalistas do protestantismo por causa de sua pneumatologia (doutrina do Espírito Santo) que, como lembra André Rosa (2017, p. 67), “é o coração da teologia pentecostal”. A vida do crente pentecostal assembleiano é marcada pela experiência do Espírito Santo e seus carismas, principalmente o batismo com o Espírito Santo, evidenciado pelo falar em línguas estranhas (WYCKOOFF, 1996). A busca de uma vida cheia do Espírito Santo, mediante o derramamento perene e

contínuo do Espírito de Deus, com fim à santificação para o arrebatamento, é a principal contribuição do pentecostalismo à matriz religiosa cristã.

Com efeito, creem os pentecostais, que “para estar ‘cheio do Espírito Santo’ é preciso afastar-se do mundo e de suas questões sociais” (ROSA, 2017, p. 68). A presença do Espírito Santo na vida do crente não é identificada pela solidariedade, pela luta em prol da justiça e bem-estar social. O que identifica a presença do Espírito de Deus são os sinais e maravilhas (milagres e carismas) que se realizam na vida e através da vida daquele que transborda do Espírito. E como alcançar a plenitude do Espírito Santo? A resposta é inequívoca, basta ler os clássicos do devocional pentecostal, como Benny Hinn (2014): jejum, oração, leitura da Bíblia e santificação (que é, grosso modo, o abandono de práticas pecaminosas).

Na ascese pentecostal, “*quanto mais perto de Deus, mais distante do mundo*”. E, para estar mais perto de Deus é preciso se dedicar ao conjunto de práticas que aproximam o cristão da presença do Senhor (jejum, oração, leitura da Bíblia, cultos e santificação). Envolver-se com atividades que impeçam essas práticas é perda de tempo; é “se embarçar com os negócios desta vida”. Contra esse comportamento displicente, a prédica pentecostal lembra que a Palavra de Deus alerta: “ninguém que milita se embarça com os negócios desta vida, afim de agradar àquele que o alistou para a guerra” (2 Tm 2.4). O problema é que a luta pela preservação do meio ambiente acaba entrando no bojo dos “negócios desta vida”. Fato que afasta a quase totalidade dos pentecostais assembleianos do envolvimento com as questões ambientais.

Contudo, aqui vale a abertura de um parêntese: É importante dizer que essa ascese pentecostal é uma ideologia, no sentido marxista no termo. Pois, mesmo buscando o fervor do Espírito de forma ascética, os evangélicos nunca se retiraram da dinâmica social em que vivem. Ao contrário, eles sempre encontraram em sua religião explicações míticas (e atentemos aqui para o mito) que os fizesse melhor agir no mundo – Weber (2000b) explica muito bem as linhas gerais desse processo. Ora, Lévi-Strauss (2012) explica que o mito é definido pelas mais diversas referências (econômica, política, psíquica, etc.), por conseguinte, à medida que os pentecostais cresceram numericamente na sociedade brasileira, houve a demanda de novos princípios de referência que incidiram no mito e conseqüentemente na intervenção desses “no mundo”, de sorte que essa intervenção se tornou cada vez mais ampla e

evidente, principalmente no cenário político, sem qualquer prejuízo à ideia de estarem “fora do mundo” – um típico paradoxo do mito⁶.

Dentre as referências econômicas que formatam o mito pentecostal assembleiano, destaca-se o ideal capitalista e, mais recentemente, sua versão neoliberal. Esse ideal não possui qualquer compromisso com a preservação do meio ambiente e transmite esse descaso ao pentecostalismo assembleiano que fabrica uma ideologia religiosa que faz seus adeptos serem ascéticos (estarem “fora do mundo”) e, ao mesmo tempo, pró capitalistas que agem de várias maneiras em defesa desse ideal em que acreditam (estão inegavelmente “dentro do mundo”). Essa dinâmica que subjaz o ser pentecostal assembleiano abre uma nova chave de leitura para a compreensão do conservadorismo moral desse segmento religioso. Ao contrário do que acreditava o marxismo clássico, o capitalismo só é possível porque ele intersecciona e instrumentaliza, ao mesmo tempo, diversos marcadores como raça, gênero, etnia, lugar, etc. (QUIJANO, 2014; AKOTIRENE, 2018). Essas relações que subjazem o pentecostalismo assembleiano, porém, carecem de pesquisas e reflexões mais detalhadas, fecho o parêntese.

Às claras, por muito tempo o discurso pentecostal seguiu essa tendência de afastamento da discussão ecológica devido a uma tríade doutrinária: a tradicional doutrina da criação, a pneumatologia ascética e a escatologia⁷. Porém, desde os anos 2000, devido às pressões externas causadas pela ubiquidade da pauta ambientalista, o discurso pentecostal se apossou da temática ecológica. E essa agregação dos temas ecológicos começou pelo lugar em que os crentes mais expõem as suas dúvidas: a Escola Bíblica Dominical (EBD). Em 2003, a Revista Lições Bíblicas (RLB) – material didático obrigatório da EBD na Assembleia de Deus no Brasil – dedicou uma de suas lições para falar sobre a importância do cuidado da Terra. Essa lição entrou no rol dos ensinamentos acerca da doutrina da mordomia cristã que dá “ao crente uma perspectiva global e administrativa da sua vida, como despenseiro de Deus” (RLB, 2003, p. 3).

A revista ensina que os pentecostais são mordomos de Deus e, como tal, possuem a responsabilidade de administrar parte dos bens criados e pertencentes ao seu Senhor, sejam eles de cunho material ou espiritual. Em edição recente da Revista

⁶ Saulo Baptista (2002), por exemplo, trabalhou muito bem com esse paradoxo em sua dissertação de mestrado intitulada “Fora do mundo, dentro da política: identidade e missão parlamentar da Assembleia de Deus no Pará”.

⁷ Escatologia é a doutrina das últimas coisas. É a parte da teologia que estuda todos os eventos relacionados à volta de Jesus Cristo e o juízo final.

Lições Bíblicas, o comentarista Elinaldo Renovato esclarece que “bens espirituais’ [são] os recursos e os meios confiados por Deus à Igreja. Quanto aos ‘bens materiais’, são estes recursos naturais e sociais que desfrutamos no mundo” (RLB, 2019, p. 7). O cuidado com o meio ambiente é parte da mordomia dos bens materiais. Nessa perspectiva, Deus entregou aos seres humanos a responsabilidade de cuidar da terra e, segundo a RLB (2019), assim como na Parábola do servo inútil (Lc 17.1-10), um dia Deus requererá dos seres humanos as boas ou as más condições do meio ambiente.

Porém, é importante salientar, que no discurso ecopentecostal essas condições em que Deus encontrará a Terra quando retornar a este mundo, na pessoa de Jesus Cristo, durante o arrebatamento da Igreja e no dia do Juízo Final, não são nenhum mistério. Os seres humanos criados para serem mordomos de Deus, por causa do pecado, falharam e inexoravelmente continuarão a falhar na mordomia da Terra. No fundo, Satanás e o pecado são as causas da degradação ambiental. O Inimigo de Deus tem influenciado a mente humana pendida a ele pelo pecado e, “assim, movido por sentimento de ganância e avidez, ou por não procurar fazer o uso correto dos recursos naturais, o homem deteriorou o meio ambiente e causou grandes desastres ambientais” (RLB, 2019, p. 87).

O discurso ecopentecostal assembleiano afirma que

Antes da Queda, o ambiente natural era perfeito, sem alterações climáticas, sem catástrofes ou fenômenos que ameaçassem a vida humana. No entanto, depois da desobediência do homem à voz de Deus, tudo mudou. Houve um prejuízo imenso tanto para o homem quanto para a Terra. O pecado transtornou a natureza (RLB, 2019, p. 88).

A restauração planetária ocorrerá quando Cristo governar a Terra em seu Reino Milenial e depois, definitivamente, quando estabelecer o seu Reino Eterno (RLB, 2003; 2015; 2019)⁸. Porém, enquanto isso não acontece, mesmo sabendo que a degradação do meio ambiente é inevitável, pois é, inclusive, um dos sinais da volta de Jesus, cabe aos cristãos agirem de modo diferente daquele dos não salvos. Como mordomos de Deus responsáveis pela Terra, os cristãos devem preservar o meio ambiente e fazer o possível para não contribuir com (enão necessariamente lutar

⁸ Duas passagens do texto bíblico que geralmente são combinadas para embasar essa crença são Rm 8.20-22 e Cl 1.19-20: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”; “pois foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele [em Jesus Cristo] habitasse e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus”.

contra) a crise socioambiental. “Os cristãos não podem se omitir no dever de cuidado da natureza pelos motivos corretos, abalizados na mordomia da doutrina cristã” (RLB, 2015, p. 79).

O esforço da Assembleia de Deus para construir um discurso ecológico coerente com seu imaginário fundamentalista é grande. Uma das estratégias é a construção de mitos fundadores⁹ da ecopentecostalidade a partir de personagens bíblicos icônicos, como é o caso de Noé, conforme atesta um trecho da Revista Adolescentes Vencedores (RAV), também material didático obrigatório da EBD:

O mais irônico disto é que o primeiro ecologista do mundo foi um servo de Deus chamado Noé, lembra? Deus enviou um dilúvio para castigar a humanidade pelos seus pecados, mas decidiu salvar das águas não apenas uma família de seres humanos, mas toda a criação animal (só não mandou para arca os peixes, por motivos óbvios). Ou seja, Deus se importa sim com a natureza que ele mesmo criou. Estranho seria se não se importasse. Noé e a sua arca deveriam ser os símbolos mundiais da consciência ecológica, mas não são porque nós, a igreja, não damos a devida atenção a este assunto e a parte ecológica de Noé caiu no esquecimento, justamente na época que o mundo se preocupa de verdade com a preservação do meio ambiente (RAV, 2019, p. 58-59).

Não obstante, acostumada à tradicional teologia da criação, a igreja enfrenta dificuldade para dar coerência ao recente discurso ecopentecostal. Esse impasse se torna evidente, por exemplo, na especificação dos objetos de mordomia feita por Elinaldo Renovato. O teólogo reconhece que os objetos de mordomia estão divididos em duas classes, os bens espirituais, que são “recursos e meios confiados por Deus à Igreja”, e os bens materiais, que são os “recursos naturais e sociais” (RLB, 2019, p. 7). Porém, ao enumerá-los de forma específica – o que seria didático aos alunos da EBD, afinal, identificando cada um dos objetos eles podem agir de modo prático em relação a cada um deles – o comentarista considera como bens espirituais o amor e a fé; e, como bens materiais, ele lista e dá instruções sobre as finanças individuais, as riquezas individuais (que nada mais são que as finanças) e as contribuições para a igreja (que também dizem respeito às finanças). Ora, esses bens estão restritos ao âmbito individual, enquanto que, de acordo com a própria definição do autor, os bens materiais são os recursos naturais e sociais que, por motivos ontológicos, não estão restritos ao âmbito individual e muito menos se restringem às finanças. Sem qualquer instrução específica sobre o que são os recursos naturais e sociais e sem saber em que implica, de modo prático, a mordomia do cristão sobre esses bens, os

⁹ No mesmo sentido definido por Chauí (2000).

discentes da EBD não encontram no discurso ecopentecostal ensinamentos práticos de cuidado com natureza, além da geral e obscura instrução “preservem a natureza como servos de Deus que vocês são”.

3. A ecopentecostalidade na prática dos assembleianos: vislumbres ilustrativos

O que mais importa aos pentecostais é a experiência do Espírito Santo. Por essa razão, a experiência carismática define tanto a interpretação da Bíblia (OLIVEIRA e TERRA, 2018) quanto as regras de conduta do grupo. E, por não implicar na experiência extática do Espírito Santo, a conduta ecológica, mesmo não sendo mais classificada pelo tenro discurso ecopentecostal como “coisas desta vida”, acaba sendo ignorado pelos assembleianos em seu cotidiano.

É que para se aproximar do Espírito Santo e serem mais cheios de sua presença, os crentes oram, jejuam, santificam-se, dedicam-se aos cultos e meditação da Palavra, inclusive lendo devocionais que os inspiram na busca ascética da presença de Deus, mas, além das revistas da Escola Dominical, em sua prática religiosa, a maioria dos assembleianos nada leem sobre os problemas ambientais. Os crentes não buscam compreender como são afetados pela poluição, não se organizam para intervir no espaço público afim de diminuir a degradação do meio ambiente, seja em escala planetária ou local.

Quando convivi com os crentes da Congregação Estrela VII da Assembleia de Deus, no bairro Ana Júlia, periferia de Castanhal, vi de perto essa situação. A ambientabilidade desse bairro periférico era (e continua sendo) definida pela lógica de urbanização capitalista que faz das cidades espaços de desequilíbrio ambiental (ACSELRAD, 2001). A urbanidade capitalista segrega na periferia os mais pobres (que também são os não-brancos) e os submete à degradação ambiental e à poluição, enquanto no centro, mora a elite rica e embranquecida que detém o privilégio do saneamento e do fraco planejamento paisagístico, característico das cidades delineadas pelo capital.

Mesmo vivendo em situação precária – sem ruas asfaltadas; com esgoto correndo em valas cavadas a enxadas nas laterais das ruas; sem arborização e espaços verdes destinados ao lazer; sem lagos; com terrenos descampados e com construção não planejadas para o equilíbrio com o ambiente amazônico; com vias e espaços

públicos não pensados para a vida de pássaros, animais domésticos e a fauna adaptada ao espaço urbano em geral – os crentes nada faziam para mudar a qualidade do ambiente que viviam e muito menos para melhorar a qualidade do meio ambiente no planeta.

No tempo que estive nessa comunidade, nunca ouvi uma pregação sobre a necessidade de preservar a natureza; ao menos um sermão que, por exemplo, dissesse como os crentes podem contribuir para diminuir a devastação da floresta amazônica; que orientasse os crentes a adoção de um manejo sustentável dos resíduos produzidos em suas casas, ou coisa parecida. Sempre que a degradação ambiental, a poluição atmosférica e as catástrofes climáticas causadas pela ação do homem eram citadas nas mensagens, essas alusões eram mera ilustração dos sinais do final dos tempos e da iminente volta de Jesus. E serviam para incentivar a ascese da experiência extática do Espírito Santo, compreendida como preparo para o advento do arrebatamento.

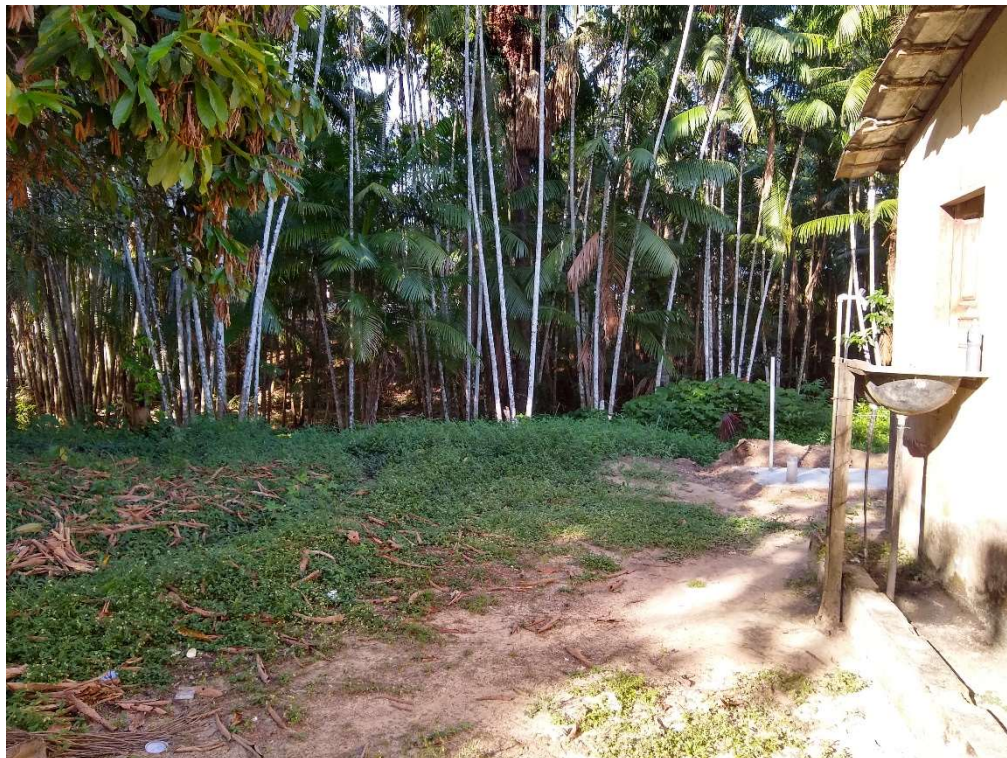
Mudando de espaço geográfico e indo para a zona rural, não percebi qualquer mudança na conduta ecológica dos assembleianos. E o interessante é que durante a realização da minha pesquisa de mestrado no Quilombo São Pedro, em Castanhal, no ano de 2019 (pesquisa que ainda está em andamento), os crentes da congregação local estudaram a revista que discute a doutrina da mordomia cristã, e, no interior dessa doutrina, a mordomia do cuidado da Terra, em cujo discurso a ecopentecostalidade se faz presente.

A despeito das condições de quilombolas e “mordomos da natureza criada”, os crentes de São Pedro não trabalham em prol da preservação da natureza e nem se preocupam concretamente com os problemas ambientais. Na verdade, lá, a consciência ambiental dos crentes parece ser ainda pior porque cercados pela floresta (mesmo flagrantemente degradada), os assembleianos têm a sensação falsa de que estão livres dos problemas ambientais que assolam as cidades e o planeta.

Mais da metade das 65 famílias de São Pedro integram a Assembleia de Deus, e nessa comunidade o dirigente da congregação também exerce a função de presidente da associação quilombola e de professor da Escola Dominical que ensinou a todos sobre a mordomia do cuidado da Terra, mas, apesar dessa circunstância, a comunidade não possui qualquer regra para a exploração dos recursos naturais. Cada quilombola descampa a sua faixa de terra como quiser; usa os cursos d'água ou os aterra em seus terrenos da maneira que lhe apraz; caça e pesca sem se preocupar com

a preservação das espécies nativas; faz o descarte dos resíduos sólidos e do esgoto sem qualquer cuidado para evitar a poluição dos mananciais. Contudo, entre eles, existe uma preocupação unânime: serem cheios do Espírito Santo.

Figura 01: despejo de esgoto doméstico em curso d'água por residência de família assembleiana, no Quilombo São Pedro



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Figura 03: Local de queima e enterra de lixo doméstico no Quilombo São Pedro.



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Figura 03: Mosaico com detalhes de derrubada de floresta no Quilombo São Pedro



Fonte: Acervo do autor, 2020.

O recente discurso ecopentecostal elaborado pela Assembleia de Deus não surte efeitos consideráveis sobre o comportamento dos crentes porque, para eles, o que realmente importa nesse mundo é a busca do Espírito Santo e tudo aquilo que não está diretamente ligado à experiência extática tende a ser ignorado. Além disso, a Assembleia de Deus não abandonou a teologia tradicional da criação que separa drasticamente o homem da natureza e que não opera uma profunda reflexão do lugar do humano no todo dos ecossistemas criados. Além disso, para não conflitar com a escatologia, o discurso ecopentecostal reconhece a degradação da natureza como

inevitável e não necessariamente instrui os crentes a lutarem pelo meio ambiente, mas os adverte apenas para não serem agentes de destruição do meio natural.

Em reforço, a escatologia e a pneumatologia pentecostal engendram um *habitus*¹⁰, que bloqueia, o envolvimento engajado com a preservação do meio ambiente. Pois, mesmo que se diga que “a iminência da vinda de Cristo não deve servir de desculpa para uma vida cristã descompromissada e apática com as questões sociais, culturais e, até mesmo, ecológicas” (RLB, 2015, p. 79), na prática, os crentes estão predispostos a não perder tempo tentando evitar o inevitável, a se preparar para a volta de Jesus buscando o Espírito De Deus, o que implica na busca do batismo com o Espírito Santo e na procura das experiências extáticas acompanhadas dos “sinais e maravilhas”.

E, mesmo que a igreja tente inculcar nos indivíduos uma nova (e pouco coerente) simbologia grupal por meio do seu mais importante ritual de ensino (a EBD), a própria cotidianidade se encarrega de introjetar na mente dos sujeitos as crenças que há muito vêm sendo cultivadas (TURNER, 2008) em descrédito das formulações ecológicas recentes.

4. Considerações finais

O acirramento da crise climática e o aumento da produção científica e midiática sobre o tema coagiu teólogos pentecostais à produção de um discurso ecológico que tanta ser capaz de falar dos problemas ambientais de acordo com a típica cosmologia mítica e fundamentalista do pentecostalismo. Discursivamente há uma certa preocupação com os problemas ecológicos, mas isso ainda não foi suficiente para converter os pentecostais ao cuidado do meio ambiente, revertendo o histórico comportamento de distanciamento dos problemas sociais e ambientais.

Pois, se por um lado se busca, através do discurso, aproximar os pentecostais do cuidado com a natureza, a tradicional teologia da criação, a pneumatologia e a escatologia – que ainda caracterizam o pentecostalismo – afastam os fiéis de uma ética de cuidado ambiental, haja vista que imbuídos do *habitus* que esses sistemas de representação e crenças engendram, os assembleianos entendem que é uma perda de

¹⁰ Bourdieu (1983, p. 65) define *habitus* como “um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas”.

tempo lutar contra a degradação ambiental que é um inevitável sinal da volta de Cristo e acreditam que o que mais importa neste mundo é serem cheios do Espírito Santo através de uma ascese promotora de êxtase.

O fato é que os problemas ambientais tendem a piorar até o ano de 2100 (MARENGO, 2006; NOBRE et al, 2007; ONU, 2019) e há pelo menos duas possibilidades de postura para os pentecostais diante desse cenário de agravamento que se entrevê: apresentar um discurso e uma ética realmente mais “ecologizados” ou enveredar mais ainda pelo caminho da retórica superficial e da indiferença por encarar as catástrofes naturais e sociais, oriundas das mudanças climáticas, como os tais sinais da volta de Jesus.

A mudança ou a permanência da mentalidade e postura do pentecostalismo é fundamental para as alterações sociais sem as quais a vida humana no planeta se tornará impossível e, por esse motivo, deve interessar a todos que protagonizam a defesa do meio ambiente. Conquanto, ela interessa também ao lado oposto, a certos setores da sociedade, como é o caso do setor político alinhado ao capital, que não demonstra qualquer preocupação com a crise socioambiental. No Brasil atual, por exemplo, o interesse dos antagonistas se vê na bem-sucedida instrumentalização que fazem da aversão e/ou indiferença ainda mantida pelos pentecostais à luta em prol da preservação do meio ambiente. Os políticos pró capitalistas usam essa aversão como o engodo que torna os pentecostais seus aliados. Não é à toa que, por ora, os políticos pentecostais (maioria na chamada Bancada da Bíblia) têm mantido parceria com a Bancada do Boi (ente destacado na defesa pública da devastação e poluição ambiental em favor das grandes lavouras de monocultura). Mas, e no futuro? Essa e outras questões somente o amanhã nos dirá.

Referências

- ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A Editora; CREA-RJ, 2001.
- ADOLESCENTES VENCEDORES. Rio de Janeiro: CPAD, 1994-. ISSN 2175-4322. Trimestral. 13 e 14 anos – 4º trimestre de 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.



- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Fora do mundo, dentro da política:** identidade e missão parlamentar da Assembleia de Deus no Pará. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belém: PPGCS / UFPA, 2002.
- BÍBLIA SAGRADA e Harpa Cristã. Tradução Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Organização de Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso futuro comum:** Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1991.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- EMERSON, Robert M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda L. Notas de campo na pesquisa etnográfica. **Revista Tendências:** Caderno de Ciências Sociais, Crato, v. 7, n. 1, p. 355-388, 2013.
- GEERTS, Clifford. **Obras e vidas:** o antropólogo como autor. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.
- GILBERTO, Antonio *et al.* **Teologia Sistemática pentecostal**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- GRUNDEM, Wayne. **Teologia Sistemática:** atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 34-118.
- HINN, Benny. **Bom dia Espírito Santo:** a busca de um relacionamento profundo com o Pai e o Filho. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2014.
- HORTON, Stanley (Org.). **Teologia Sistemática:** uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 293-322.
- LIÇÕES BÍBLICAS. Rio de Janeiro: CPAD, 1930- . ISSN 1578-6793. Trimestral. Jovens e adultos – 4º trimestre de 2003.
- LIÇÕES BÍBLICAS. Rio de Janeiro: CPAD, 1930- . ISSN 2358-8136. Trimestral. Jovens – 2º trimestre de 2015.
- LIÇÕES BÍBLICAS. Rio de Janeiro: CPAD, 1930- . ISSN 2358-811X. Trimestral. Adultos – 3º trimestre de 2019.
- MARENGO, José A. **Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade:** caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI. Brasília: Ministério do meio ambiente - Secretaria de biodiversidade e florestas, 2006.
- MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, Stanley (Org.). **Teologia Sistemática:** uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 22-262.
- NOBRE, Carlos A. *et al.* **Mudanças Climáticas e possíveis alterações nos Biomas da América do Sul** (relatório n. 6). Brasília: Ministério do meio ambiente



- Secretaria de biodiversidade e florestas - Diretoria de conservação da biodiversidade, 2007.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; TERRA, Kenner Roger Cazotto. Êxtase como locus hermenêutico na Experiência Religiosa dos Pentecostais. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 11, n. 31, p. 41-62, jan./abril. 2018.

ONU. **Relatório Aquecimento Global de 1,5°C**. Brasília: IPCC; Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2019. Disponível em:

<https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/07/SPM-Portuguese-version.pdf>.

Acesso em 19 out. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In:

Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Buenos Aires: CLACSO, 2014, p. 777-832.

ROSA, André Luís da. Ecopentecostalidade: teologia ecológica pentecostal. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. 8, n.2, p. 61-80, jul./dez. 2017.

SOARES, Esequias. Teologia – a doutrina de Deus. In: GILBERTO, Antonio *et al.*

Teologia Sistemática pentecostal. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 49-114.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Ed. UFF, 2008.

WEBER, Max. Conceitos sociológicos fundamentais. In: **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva – volume 1**. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000, p. 3-35.

WEBER, Max. Sociologia da religião. In: **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Editora da UNB, 2000b, v. 1, p. 281-418.

WYCKOFF, John W. O batismo no Espírito Santo. In: HORTON, Stanley (Org.).

Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 431-464.

Submetido em: 31/10/20

Aceito em: 10/12/20